

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG

JESSICA SOARES FERREIRA

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: AS OBRAS REPRESENTATIVAS DO
MODERNISMO EM CASCAVEL-PR**

CASCAVEL

2019

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG

JESSICA SOARES FERREIRA

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: AS OBRAS REPRESENTATIVAS DO
MODERNISMO EM CASCAVEL-PR**

Trabalho de Conclusão do Curso de
Arquitetura e Urbanismo, da FAG,
apresentado na modalidade Teórico-
conceitual, como requisito parcial para a
aprovação na disciplina: Trabalho de Curso:
Qualificação.

Professora Orientadora: Arq. M^a Sirlei Maria
Oldoni.

CASCAVEL

2019

CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG

JESSICA SOARES FERREIRA

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: AS OBRAS REPRESENTATIVAS DO
MODERNISMO EM CASCAVEL-PR**

Trabalho apresentado no Curso de Arquitetura e Urbanismo, do Centro Universitário Assis Gurgacz, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sob a orientação do Professora Arq. M^a. Sirlei Maria Oldoni.

BANCA EXAMINADORA

Professora Orientadora
Centro Universitário Assis Gurgacz
Arq. M^a. Sirlei Maria Oldoni

Professora Avaliadora
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Dr^a Silmara Dias Feiber

Cascavel/PR, 16 de 10 de 2019

RESUMO

O trabalho refere-se ao levantamento e catalogação das obras representativas do modernismo na cidade de Cascavel-PR. Inserida na linha de pesquisa “Arquitetura e Urbanismo” e no grupo “Patrimônio histórico e cultural”, a presente pesquisa aborda os fundamentos referentes a arquitetura moderna a nível mundial e nacional, apresentando sua influência no interior paranaense bem como a importância da conservação do patrimônio histórico e cultural. O problema motivador da pesquisa é formulado pela questão: Quais as características formais e históricas das obras representativas do Modernismo em Cascavel/PR? Parte-se da hipótese inicial que a produção arquitetônica local seguiu a linguagem formal brutalista e que seu contexto se amparou na modernização municipal proposta para a cidade. A pesquisa se desenvolveu a partir de fundamentação teórica e revisão bibliográfica relativos ao tema. Para ajudar a responder à questão levantada neste trabalho utilizou-se do método dedutivo e o seguimento de pesquisa exploratória.

Palavras chave: Modernismo. Modernismo paranaense. Patrimônio histórico. Inventário. Cascavel-PR.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1- Estação Rodoviária de Londrina.....	244
Figura 2 - Residência do doutor José Luiz Bettega.....	244

LISTAS DE SIGLAS

CAUFAG - Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz.

CIAM – Congresso Internacional de Arquitetura.

DIRCON - Diretoria De Conselho Urbano.

IPHAE – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual.

IPHAEP - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

JK - Juscelino Kubistchek.

MES – Ministério da Educação e Saúde.

SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

TC - Trabalho de Conclusão.

UFPR – Universidade Federal do Paraná.

USP - Universidade de São Paulo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DIRECIONADOS AO TEMA DA PESQUISA.....	12
1.1 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS NOS FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS ...	12
1.2 ARQUITETURA MODERNISTA.....	14
1.3 ARQUITETURA MODERNISTA NO BRASIL.....	18
1.3.1 Arquitetura moderna paranaense	22
1.4 PATRIMÔNIO HISTÓRICO	24
1.5 SÍNTESE DO CAPÍTULO	25
2. CORRELATOS.....	27
2.1 PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO MODERNO: DO DEBATE ÀS INTERVENÇÕES.....	27
2.2 INVENTÁRIO URBANO DE CAÇAPAVA DO SUL: PATRIMÔNIO DE VALOR ARQUITETÔNICO, HISTÓRICO E CULTURAL	28
2.3 O INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO DAS ZONAS DE ENTORNO DOS BENS TOMBADOS DE CRUZ ALTA – RS.....	30
2.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS	35
ANEXOS	38
ANEXO A – REGISTRO DO PATRIMÔNIO MODERNO DE JÓAO PESSOA	38
ANEXO B – DELIMITAÇÃO DA ÁREA DO INVENTÁRIO DE CAÇAPAVA DO SUL	39
ANEXO C - REGISTRO DO PATRIMÔNIO DE CAÇAPAVA DO SUL	40
ANEXO D – REGISTRO DO PATRIMÔNIO DE CRUZ ALTA (MODELO IPHAE).....	43

ANEXO E - FICHA COMPLEMENTAR CRUZ ALTA	45
-----------------------------------------------------	-----------

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa está vinculada ao Trabalho de Conclusão de Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz, TC CAUFAG. Segue a linha de pesquisa nominada “Arquitetura e urbanismo” e integra o grupo de pesquisa da “Patrimônio histórico e cultural”, que abrange assuntos relacionados a arquitetura moderna, o modernismo brasileiro bem como o desenvolvimento do movimento moderno no interior do estado do Paraná.

Conhecer um estilo arquitetônico é dar direito ao homem de identificar sua linguagem. Dando ao mesmo sabedoria para distinguir sua época e sensibilidade para cuidar do passado e do futuro, pois sabe que ambos estão intimamente relacionados. Compreender estilos arquitetônicos não é apenas sobre deter cultura, mas também possuir instrumento para resolução de problemas relativos à arte mediante a contemplação e fruição (GRAU, 1989, p.8).

Partindo dessa premissa a temática abordada diz respeito a produção arquitetônica modernista de relevância para a cidade de Cascavel, PR. Sua importância se dá pela atual descaracterização e demolição de parte destes imóveis, apoiados na intensa especulação imobiliária. Esta por sua vez tem gerado novas necessidades econômicas; o que torna edificações antes funcionais em obsoletas.

O presente trabalho se justifica socialmente pois indica a necessidade de conservação do patrimônio histórico para a cidade de Cascavel – PR, levando em consideração que os inúmeros exemplares deste estilo arquitetônico não são bens tombados¹ surge a necessidade de catalogá-los, visto que os mesmos são de relevância para a história do município e parte deles vem sofrendo com a especulação imobiliária e mudanças estéticas que os descaracterizam; uma vez que estas alterações vem ocorrendo em desencontro a unidade estética das edificações grande parte do valor simbólico social e cultural do município se perde. Portanto para que estas obras sejam compreendidas e preservadas para a posteridade faz-se necessário realizar o levantamento e catalogação de dados das obras representativas do modernismo cascavelense. Em relação ao campo acadêmico profissional, estima-se que a pesquisa contribua com novos estudos relacionados ao levantamento de patrimônio arquitetônico bem como novas catalogações para o patrimônio modernista de Cascavel.

¹Conforme a Constituição Federal de 1988, em seu Artigo 216 patrimônio cultural pode ser classificados como bens materiais ou imateriais portadores de referência a memória social, identidade e ação de diferentes grupos sociais (BRASIL, 1988).

Pretende-se também motivar não só os profissionais de área de arquitetura e urbanismo bem como o cidadão comum a se engajar na comunidade política, pois promover comunicação e cidadania de forma estruturada é importante para construir boas decisões. Este exercício além de ampliar o repertório cultural, favorecem a conscientização de preservação, o desenvolvimento sustentável bem como permite que as decisões urbanísticas sejam relevantes e bem representadas

Neste sentido o problema da pesquisa foi definido como: Quais as características formais e históricas das obras representativas do Modernismo em Cascavel-PR? Parte-se da hipótese inicial que as obras modernistas cascavelenses foram desenvolvidas entre as décadas de 1960 e 1980 e possuem identidade formal brutalista. Influenciada pela produção que se desenvolvia na capital do estado, as obras modernistas se ampararam não só nos concursos, mas também nas contratações municipais como forma de modernizar a cidade de Cascavel-PR.

O objetivo geral do trabalho consiste em identificar e catalogar as principais obras representativas do modernismo da cidade de Cascavel-PR. Já os objetivos específicos buscam: a) Fundamentar modernismo; b) Contextualizar o surgimento da arquitetura moderna no Paraná; c) Definir patrimônio histórico; d) Apresentar estudos correlatos; e) Fazer levantamento das principais edificações modernistas de Cascavel; f) Analisar e montar inventário das obras do estudo de caso; g) Concluir respondendo o problema da pesquisa.

A pesquisa se orienta a partir do seguinte marco teórico: “Conferir a imortalidade a algumas arquiteturas é criar elos de coesão no espaço e no tempo, e é o elo moderno que agora precisa ser devidamente constituído” (AMORIM, 2007, p. 18).

O método da pesquisa contempla levantamentos bibliográficos que a fundamentam. O mesmo é definido por Maconi e Lakatos (2017, p.63), como todo material já tornado público seja em jornais, livros, revistas, monografias, teses entre outros, relacionados ao tema estudado. de modo a dar nova abordagem a um tema para alcançar conclusões inovadoras.

Ademais utilizará do método dedutivo que para Ruiz (2002, p.138), é quando se vale de raciocínio decrescente, onde a partir de enunciados gerais ordenados com premissas de raciocínio se chega a uma conclusão particular. Tendo como função explicar no decorrer da pesquisa o que está explícito na mesma.

Tratando-se de levantamento e análise ampara-se também na pesquisa de campo a qual consiste na observação dos fatos para realizar o levantamento dos dados (MARCONI e LAKATOS, 2017, p.78).

Visando maior familiaridade do pesquisador com tema será aplicado pesquisa exploratória que segundo Gil (2008, p. 27), tem por finalidade esclarecer, desenvolver e modificar conceitos visando problemas mais precisos para pesquisa posterior. Estas envolvem pesquisas documentais e bibliográficas bem como estudos de caso. Proporciona visão geral do fato, sendo utilizado em temas pouco explorados, nos quais a dificuldade em formular hipóteses precisas é grande

Para realizar a apresentação dos dados levantados o presente trabalho está formatado em quatro capítulos. O primeiro explana sobre os quatro pilares da arquitetura, relacionando-os ao período modernista e apresenta os fundamentos a respeito da arquitetura moderna. O segundo capítulo apresenta trabalhos correlatos referente as abordagens de inventários arquitetônicos pertinentes a pesquisa, no intuito de colaborar com o caminho a ser seguido. Os demais capítulos serão desenvolvidos ao longo do próximo semestre.

1 FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS E REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DIRECIONADOS AO TEMA DA PESQUISA

Este capítulo tem como objetivo elencar como a História e a Teoria da Arquitetura; as Metodologias de Projetos Arquitetônicos e Paisagísticos; o Urbanismo e Planejamento Urbano e as Tecnologias da Construção se integram com a temática do modernismo. Fundamentando a história da arquitetura moderna que teve início no começo do séc. XX e sua chegada ao Brasil onde se manifestou a partir das escolas carioca e paulista. Além disto esse capítulo apresenta como a arquitetura moderna chega ao Estado do Paraná e se desenvolve no interior paranaense. Somado a isso será abordado a importância do patrimônio cultural e material para a preservação da história não só dos estilos arquitetônicos mais também da identidade social.

1.1 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS NOS FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS

A arquitetura se diferencia das demais artes pois é única que considera na inserção do homem no vocabulário tridimensional, cujo interior o mesmo penetra e caminha. E é este vazio interior, o espaço encerrado que se apresenta como o protagonista do fato arquitetônico. Estando a questão do belo arquitetônico ligado a um espaço interior que atrai e eleva o homem, enquanto a arquitetura considerada feia o repele (ZEVI, 1996, p. 17-24).

Colin (2004, p 22-23) indica que a arquitetura pode ser entendida a partir de três critérios inesperáveis a arte como meta, a formação acadêmica como meio e o produto cultural como fato obrigatório, pois toda informação que temos das civilizações passadas são resultado da análise de seus comportamentos, suas necessidades, seu conteúdo histórico e manifestações arquitetônicas.

A história da arquitetura se apresenta de modo geral como a história de grandes edifícios que não só impulsionaram a arte de construir, mas também traduziram a imagem do homem quanto sociedade, seus valores, códigos e crenças. Com o advento da Revolução Industrial pensar a moradia comum passa a ser algo imprescindível, uma vez que a migração do campo para a cidade acontece aos milhares, surge a necessidade de pensar a estrutura dos bairros, o saneamento bem como o planejamento das cidades. A questão da qualidade de moradia e a

preocupação com uma cidade saudável e moderna era eminente para a arquitetura do momento, como solução surgem as cidades jardins ²(GLANCEY, 2001, p. 144-145).

Assim como a cidade industrial e suas questões referentes a moradia passou a ser a grande problemática da arquitetura do século XX (GLANCEY, 2001, p.145). O modelo urbano racionalista moderno surge após a 2ª guerra mundial com a necessidade de reconstruir as cidades. Para tanto os princípios da carta de Atenas ³foram de grande utilidade, pois facilitavam a fragmentação, a produção em série, o controle e a pré-fabricação, permitindo que a cidade se encaixasse nos métodos capitalistas. (MONTANER, 2014, p. 28)

Já segundo Pereira (2010, P. 245-249), as principais decisões da cidade moderna relativos ao urbanismo funcionalista, afirmavam que o mesmo não deveria ser regido por ordens estéticas, mas sim por motivações racionais. A partir disto as funções do planejamento urbano se estendiam da cidade para os cidadãos e se apresentavam de três modos: o habitat, o labor e o ócio. O urbanismo racionalista buscava resolver o problema das cidades, através de estrutura urbana que fosse similar ao funcionamento de uma máquina e que ao mesmo tempo possuísse as qualidades de um organismo biológico.

Apresentam-se como questões levantadas pelos projetos modernistas as questões funcionalistas, as decisões racionais projetuais, os novos meios de tecnologia bem como a preocupação com o valor social da arquitetura e do urbanismo. Muitas das obras modernas associavam a forma arquitetônica a política, de modo que a transparência das fachadas eram relacionadas a honestidade, a planta livre a oportunidade de escolha e a retirada de ornamento a integridade ética (MONTANER, 2014, p. 12). De acordo com a arquitetura projeto é o modo de organizar arquitetonicamente os elementos de um problema que regidos através do processo da composição e das relações estruturais geram a coisa arquitetônica (GREGOTTI, 2001, p.12).

Segundo Glancey (2001, p.15-158), a era da máquina trouxe novos métodos de construção, novas intenções e novos materiais. Foi no início do século XX que estruturas em ferro, o elevador elétrico, o concreto armado, novos revestimentos e a valorização de terrenos encerram a longa batalha dos estilos arquitetônicos os despindo de sua roupagem histórica.

² Cidades jardins são definidas segundo Gympel (2001, p.83), como sendo a proximidade utilitária do campo com a cidade, possibilitada através dos cinturões verdes. Foi idealizada como uma cidade autônoma, com finalidades sociais.

³ A carta de Atenas trata sobre as decisões que iriam nortear os rumos da cidade moderna. Definida na assembleia do CIAM em 1933, sua atenção estava voltada ao panorama do Urbanismo Racionalista, que trouxe a necessidade de pensar o planejamento urbano, o zoneamento, a infraestrutura, a industrialização e padronização construtiva uma vez que o período era de intenso crescimento urbano (IPHAN, p.1-38, 1933).

Portanto, a questão funcionalista, nesse momento, assume fundamental importância, pois além de atender seu uso agora o edifício pode ser julgado na proporção em que atende sua função. Nesse sentido, a utilidade de um edifício que se adapte a necessidade das atividades humanas ganhou grande importância, e para tanto amparou-se em soluções nas funções sintáticas, semântica e pragmáticas (COLIN, 2004, p.40-42).

1.2 ARQUITETURA MODERNISTA

Quanto mais se estuda o modernismo mais tende-se a recuar na história a fim de entender sua origem (FRAMPTON, 2003, p. IV), portanto, para entender esse movimento que marcou o início do século XX, é necessário retroceder historicamente.

No século XVII o surgimento de dois novos materiais o ferro e o cimento Portland⁴, iram alterar o quadro da simbologia histórica da arquitetura (COLIN, 2004, p.36). Já por volta do século XVIII uma nova perspectiva histórica indica o momento em que os arquitetos deixam de lado os cânones clássicos Vitruvianos⁵ bem com a valorização do passado, e passam a seguir uma base mais objetiva de trabalho (FRAMPTON, 2003, p. IV).

Neste mesmo contexto acontecia o advento da máquina a vapor, das pontes metálicas e dos elementos pré-fabricados, possibilitado pelo progresso técnico que tornou o ferro uma revolução admirável. A construção monumental da galeria das máquinas⁶ foi fundamental para expor as potencialidades técnicas deste sistema construtivo. A substituição da construção maciça pela estrutural permitiu a execução de edifícios com elementos pré-fabricados em qualquer dimensão (GYMPEL, 2001, p.76-77).

Todo esse contexto tecnológico de novos materiais inspiram uma série de movimentos de vanguarda da arquitetura moderna, dois deles são: o movimento *Art Nouveau*, que ocorreu entre 1890 até 1914, e buscava utilizar os novos materiais de maneira inovadora, inspirado em

⁴ Cimento Portland é a nomenclatura usual mundial para o material da construção civil conhecido por cimento. Seu nome se deve a semelhança de cor e rigidez deste material com a pedra de Portland utilizada até 1824 como material prima base da construção civil na Inglaterra (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CIMENTO PORTLAND, 2002, p.5).

⁵ Seguindo os dez livros propostos por Vitruvius, a definição dos cânones clássicos fora indicada em seu terceiro livro, que trata da construção dos templos e de sua adequação quando as ordens arquitetônicas: dórica, jônica e coríntia. Para Vitruvius todo templo para ser bem composto deveria seguir as proporções e semelhanças a uma figura humana bem constituída, o homem vitruviano (POLIÃO, 1999, p. 92-103).

⁶ Construído para a exposição mundial de 1889 a Galeria das Máquinas se apresenta como a revolução construtiva mais importante do séc. XIX por ter o maior vão livre já construído pelo homem; possibilitado pelo seu sistema estrutural de pilares metálicos (GYMPEL, 2001, p.75-76).

algo novo, a natureza (GRAU, 1989, p. 178); e também a escola Bauhaus, que se manifestou como o conjunto das academias de belas artes e das artes e ofícios, a mesma buscava aliar o serviço do artesão a linha industrial, elevando o design alemão ao mesmo passo que pensava os edifícios modernos de caráter social (GLANCEY, 2001, p.164).

Nesse sentido, a partir desse novo contexto o movimento moderno se inicia no século XX, recoloca em movimento a teoria e a prática da arquitetura, tendo em vista que em um passado recente as condições econômicas, sociais e técnicas do trabalho arquitetônico haviam se modificado. Algumas inovações técnicas possibilitam a segunda Revolução Industrial⁷, ao passo que a expansão ferroviária e marítima propiciou a redução dos custos de transporte, possibilitando o avanço do comércio internacional (BENEVOLO, 2004, p.371).

Segundo Zevi (1996, p. 121-123), as características que definem o espaço moderno estão fundamentadas pela planta livre, exigência social para o problema da residência possibilitados pela nova técnica construtiva do aço e concreto que possibilitaram a execução de esqueleto estrutural deixando o interior livre. As amplas janelas em vidro possibilitam o espaço interior x exterior e as divisões residências deixam de ser estáticas permitindo conjugar ambientes. Aparecem também a continuidade espacial, o movimento de volumes, as paredes curvas e as divisórias modulares.

De acordo com Benevolo, o resultado histórico da formação do movimento moderno de ser entendido como:

O novo movimento não pode ser etiquetado como a mais recente das tendências que se alternam a curtos intervalos de tempo, mas testemunham uma mudança num nível mais profundo, que atua sobre o conjunto das tendências imprimindo-lhes um novo rumo e uma nova exigência de se confrontarem a fim de fazer frente às necessidades de um mundo radicalmente transformado (BENEVOLO, 2004, p.403).

A criação de uma arquitetura vertical amparada nos princípios da linearidade bem como de uma arquitetura fluída que remetesse o movimento da era da máquina, representavam os princípios teóricos do modelo moderno. Mas mais importante estava a não violentação dos materiais, os mesmos deveriam reproduzir seu aspecto natural. “Assim, o efeito estético e decorativo devia ser fruto do material, da sua estrutura e da sua função” (GYMPEL, 2001,

⁷No séc. XIX acontece a segunda Revolução Industrial e está se caracteriza como eletroeletrônica (SANTAELLA, 2005, p.10). Sendo marcada por inovações técnicas, são elas: a criação do dínamo; o transporte da energia hidráulica; a substituição da gusa pelo aço; telefone; lâmpada elétrica, motor a explosão (BENEVOLO, 2004, p.371).

p.81). Considerando que na era industrial moderna o ornamento era considerado extravagância, sua eliminação passa a ser considerada essencial, uma vez que se prioriza a máxima eficiência das edificações (ROTH, 2017, p.486).

Entre os anos de 1928 e 1956 ocorreram os Congressos Internacionais de Arquitetura (CIAM⁸). Os CIAMs foram importantes para a difusão da arquitetura moderna, arquitetonicamente foram difundidas ideias de eficiência econômica; adoção de métodos racionais de produção; preocupação com o planejamento urbano, a moradia e o lazer; difusão dos ideais funcionalistas difundidos com a produção da Carta de Atenas; buscando criar um ambiente capaz de satisfazer as necessidades psicológicas e materiais do homem (FRAMPTON, 2003, p.327-330). Já na visão do urbanismo ficaram determinados as quatro regiões preeminentes e funcionais da cidade industrial: residência, trabalho, lazer e circulação. Aliado as questões do patrimônio histórico da cidade (MONTANER, 2014, 28-29)

O movimento moderno exigia o desapego as associações e tendências historicistas. Como resultado indicava-se uma arquitetura nova de objetividade e racionalismo. Em 1930, surge o estilo internacional unindo os conceitos racionalista e funcionalista (GYMPEL, 2001, p.87). Neste sentido, Montaner, aponta os princípios formais básicos dessa arquitetura como sendo:

A arquitetura como volume, como jogo dinâmico de planos mais do que como massa; o predomínio da regularidade na composição, substituindo a simetria axial acadêmica; e a ausência de decoração, que surge da perfeição técnica e expressividade do edifício a partir do detalhe arquitetônico construtivo (MONTANER, 2014, p.13)

A exposição *The International Style* aconteceu em 1932 no museu de arte moderna de Nova Iorque, destacando como obras modelo a Vila Savoye⁹, A Casa Tugendhat¹⁰ e o Pavilhão de Barcelona¹¹. A mostra intencionava estabelecer como cânone modernista uma arquitetura lisa, cúbica, de fachada branca ou com revestimento de metal e vidro; que estivessem fundamentados nas questões funcionalistas simples (MONTANER, 2014, p.13).

⁸ Congresso Internacional da Arquitetura Moderna, CIAM tem como plano de estudo análises ordenadas desde a habitação até à cidade e sua relação com as funções urbanas. É o centro das principais definições respectivas a Arquitetura e urbanismo Moderno (PEREIRA, 2010, p.245).

⁹ Projetada pelo arquiteto Le Corbusier para a exposição de Art Decó de Paris, em 1925. Construída sobre pilotis, buscava ser um exercício de geometria com suas formas puras e brancas (GLANCEY, 2001, p.182).

¹⁰ Projetada por Ludwig Mies Van Der Rohe na República Tcheca (1928-1930), possui esquema de cor praticamente neutro que é realçado pelo cenário. Seguiu o lema “Menos é mais” (GLANCEY, 2001, p.179).

¹¹ De autoria de Ludwig Mies Van Der Rohe, foi construído para a Exposição Internacional de Barcelona (1928-1986). Sua edificação é assimétrica, de único pavimento, separado meias paredes, utiliza como materiais vidro, ônix e aço (GLANCEY, 2001, p.180).

No campo arquitetônico as principais contribuições são originadas pelo experimentalismo e pelas vanguardas artísticas (PEREIRA, 2010, p. 227). Os principais arquitetos vanguardistas, entre eles Le Corbusier¹², Walter Gropius¹³ e Ludwig Mies van der Rohe¹⁴ foram os principais propagadores do estilo internacional. Os mesmos indicavam que a arquitetura deveria dar prioridade as questões objetivistas como plano, simetria, cor e ritmo.

Pode se considerar, de acordo com Zevi (1996, p.124-125), que a arquitetura moderna se dividiu em duas correntes: funcionalista e organicista. A primeira surge na Escola de Chicago, porém sua elaboração se dá na Europa através do arquiteto Le Corbusier. Já o organicismo intitula Frank Lloyd Wright¹⁵, como seu representante. Ambos usam o tema da planta livre, mas as definem de formas diferentes, racionalmente a primeira e organicamente com a humanização dos espaços a segunda.

Arquitetos como Frank Lloyd Wright inventaram sua própria linguagem bem como uma filosofia de projeto, enraizado na filosofia de William Morris¹⁶ líder do movimento moderno artes e ofícios (ROTH, 2017, p.468-484). Sua a arquitetura orgânica está centralizada na realidade do espaço interior, destacando-se por seu formato espacial. Sendo este rico em movimento expressado de forma dinâmica, como funcionamento da vida. Portanto não se trata meramente de gosto, tem o propósito de criar o belo no que diz respeito a preocupação com o ser humano. Rompendo com o funcionalismo ele dá novo sentido a cor. Os espaços passam a ser pensados e projetados a partir da singularidade de cada sujeito. E neste viés humanista que nasce a arquitetura contemporânea. (ZEVI, 1996, p.126-127).

Segundo Pereira na Casa da Cascata:

¹² Le Corbusier (1887-1965), pintor, escultor, artesão e planejador urbano. Tornou-se um dos mestres da *villa* branca modernista, suas ideais e princípios funcionalistas se propagaram por todo o mundo (GLANCEY, 2001, p.182).

¹³ Walter Gropius (1925-1926) projetou a da escola de design e arquitetura alemã a Bauhaus bem como as habitações para os mestres da Bauhaus (GYMPEL, 2001, p. 89).

¹⁴ Ludwig Mies van der Rohe (1886-1969), conhecido como um dos maiores arquitetos do século XX, foi pioneiro dos arranha-céus em e aço e vidro. O mais importante deles leva o nome de edifício Seagram e foi construído em Nova York (GLANCEY, 2001, p.178).

¹⁵ Frank Lloyd Wright (1867-1959) trabalhou com dois principais seguimentos arquitetônicos as residências e os edifícios. Afirmava ter criado o interior de planta livre presente na maioria de suas edificações. Sua linguagem estava diretamente ligada ao estilo orgânico que geralmente fora empregado nas residências através de matérias vernaculares. Suas obras de destaque são: as casas do subúrbio de Chicago, pelo Museu Solomon R. Guggenheim e pela casa da Cascata (GLANCEY, 2001, p.162-163).

¹⁶ Escritor e socialista nascido em família abastada William Morris (1834-1896), fundou em 1861 sua empresa Morris, Marshall, Faulkner & Co que se dedicava a produção de papéis de parede, móveis e vitrais produzidos artesanalmente. Morris durante sua carreira defendeu o ofício de tecelagem e pintura, o trabalho artesão e apoiava as técnicas manuais. Seu legado juntamente a John Ruskin vai influenciar posteriormente o movimento Artes e Ofícios (GLANCEY, 2001, p.154-155).

(...)Frank Lloyd Wright sintetiza os princípios racionalistas e orgânicos e, assim como nas *prairie houses* (casas do prado), distribui tudo em torno da lareira de pedra, cujo volume vertical se contrapõe aos volumes horizontais que se projetam verso à paisagem de cascata e definem uma excelente dialética entre espaço interior e exterior (PEREIRA, 2010, p.263).

Já Le Corbusier define “a casa é uma máquina de morar”. Sua vertente funcionalista pode ser exibida na Vila Savoye que incorpora seus cinco pontos para a arquitetura moderna: pilotis, planta livre, fachada livre, janela em fita e terraço-jardim (ROTH, 2017, p.468-484). “Ao lado do alfabeto neoplástico, esses cinco pontos estabelecidos como axiomas se convertem em um verdadeiro sintagma da arquitetura moderna, e seu cumprimento chega a qualificar a modernidade de uma obra, com o significado polêmico que implica” (PEREIRA, 2010, p.257).

Na Villa Savoye, Le Corbusier trabalha com uma malha estrutural ritmada por pilares, de forma geométrica racional o que dá início a planta livre; e suas exigências funcionalistas se apresentam tanto na técnica quanto na utilidade. Sua arquitetura funcional fez jus as necessidades mecânicas da era industrial, aderindo as ordens práticas e técnicas do edifício. (ZEVI, 1996, p.124-125).

Para Roth (2017, p.485), ainda que o estilo internacional não tenha se consolidado como o esperado os representantes da arquitetura moderna conquistaram grandes resultados. Buscando estabelecer relação entre a engenharia e a arquitetura estruturou-se a base racional do séc. XX.

Montaner (2016, p. 12-38) diz que há continuidade no movimento moderno, e que este se dá principalmente pelas inúmeras possibilidades que o advento da tecnologia ofereceu a sociedade. A expressão racionalista se manteve segundo a continuidade das vertentes minimalista e high-tech que influenciam a sociedade até o tempo contemporâneo, devido a sua possibilidade de adaptação a sociedade e a reutilização das arquiteturas de temporalidade continua. Já o organicismo tem seu seguimento na contemporaneidade aliado a corrente subjetiva surrealista. Buscando o máximo do design e a caracterização de elementos distintos o organicismo se consolidou em diversas linhas arquitetônicas contemporâneas e tem possibilitado a criação de momentos e experiências arquitetônicas inéditas.

1.3 ARQUITETURA MODERNISTA NO BRASIL

Até o contexto europeu de 1940 o modelo arquitetônico moderno já existia ainda que como discurso ou proposta. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a migração de expoentes europeus por todo mundo e a urgência em reconstruir a Europa explica como a aplicação das ideias modernistas se estendeu como tendência da arquitetura mundial. O cenário brasileiro, no entanto, é outro e pode se manifestar também no período de entre guerras (1920-1939). A primeira geração moderna já havia realizados inúmeras obras significativas, que por sua vez consolidavam a arquitetura moderna nacional. Está que tinha como paradigmas a brasilidade e a inserção de aspectos culturais, que revelavam a identidade nacional modernista (BASTOS E ZEIN, 2015, p.24-26).

O novo ideário arquitetônico brasileiro, tem seu pontapé com a casa modernista (1929) do arquiteto Gregori Warchavchik¹⁷, em São Paulo (COLIN, 2004, p. 137). Seguindo as tendências reformistas posteriores a Semana de Arte Moderna de 1922¹⁸, seu manifesto buscava uma nova arquitetura que deveria seguir os princípios modernistas tanto do lado externo, quanto interno, sendo aplicado inclusive ao mobiliário. A retirada do ornamento, a pureza de volume e a inclusão de platibanda no lugar das varandas foram as principais mudanças arquitetônicas aplicadas a residência. (BRUAND, 2012, p.65-70).

Alguns anos mais tarde o ministro Gustavo Capanema convida Lúcio para desenvolver um projeto para o Ministério da Saúde e Educação. Segundo os preceitos de Le Corbusier formou-se a equipe composta por Lúcio Costa¹⁹, Afonso Reidy²⁰, Carlos Leão²¹, Jorge

¹⁷ Gregori Warchavchik nascido em 1926 em Odessa, seu formou no instituto de belas artes de Roma em 1920 e no Brasil fica reconhecido como pioneiro do movimento renovador modernista brasileiro. Foi o representante de uma nova mentalidade arquitetônica, ao romper com as influências tradicionalistas e estabelecer nova conexão com as correntes arquitetônicas internacionais. Foi o responsável pela construção das primeiras obras modernistas brasileiras implantadas no estado de São Paulo (BRUAND, 2012, p.63-71).

¹⁸ A Semana de Arte Moderna de 1922 foi um movimento artístico e literário brasileiro que buscava a ruptura com o passado e a independência cultural frente a Europa. O movimento caracterizado como antropofágico, não gerou influência direta na arquitetura em primeira ordem, no entanto criou condições favoráveis a construção de um programa construtivo nacional (BRUAND, 2012, p.61-63).

¹⁹ Lúcio Costa, um nome significativo dentro do quadro da Arquitetura Moderna Brasileira. Foi diretor da Escola de Belas Artes, sendo reconhecido por projetar Brasília (BRUAND, 2012, p.105).

²⁰ Afonso Reidy (1909-1964) nascido em Paris, viveu a maior parte de sua vida em território brasileiro. Aqui desenvolveu uma arquitetura tipicamente nacional, que se enquadrava dentro de contextos urbanísticos e sociais. Suas obras mais notáveis são: os conjuntos residenciais de Pedregulho e Gávea, o teatro popular do bairro Marechal Hermes, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e a casa de Carmen Portinho, todos na cidade do Rio de Janeiro (BRUAND, 2012, p.223-233).

²¹ Carlos de Azevedo Leão (1906-1983) arquiteto e desenhista, desenvolveu carreira promissora em sua juventude, ao trabalhar com Lucio Costa seu amigo e sócio e ao integrar a equipe que projetou o MES. Como arquiteto do SPHAN produziu projeto para um Hotel em Ouro Preto que foi construído segundo as intenções de Niemeyer o que levou Leão a se afastar do grupo moderno. Passando a projetar residências de estilo histórico as “casas brasileira”. Como desenhista ilustrou capas de livros de Vinicius de Moraes e Drummond (CAVALCANTI, 2001, p.80-81).

Moreira²² e Oscar Niemeyer²³ (COLIN, 2004, p.137). Construída entre os anos de 1937 e 1943 no Rio de Janeiro, a obra recebeu consultoria do arquiteto Le Corbusier. Por ter alcançado repercussão a nível mundial, tornou-se a alavanca do movimento modernista no Brasil, tanto que foi apresentado em 1943, pela revista norte-americana *Progressive Architecture*, como “a obra de arquitetura moderna mais importante das Américas” (CAVALCANTI e LAGO, 2005).

Outro projeto que alavancou a arquitetura moderna brasileira neste período foi o Pavilhão do Brasil na Feira Internacional de Nova York (1939-1940) que buscou o uso de um vocabulário além dos princípios corbusianos²⁴. Idealizado por Lúcio Costa e Oscar Niemeyer o pavilhão renunciou tendências que estabeleceriam uma linguagem tipicamente brasileira: a plasticidade da rampa, a não separação de espaço interno e externo, a inserção de elementos de proteção solar fixos bem como o uso da curva (CAVALCANTI e LAGO, 2005).

Já no ano de 1943 segundo Cavalcanti e Lago (2005), outro projeto alcança renome internacional, o Conjunto da Pampulha de Oscar Niemeyer. O complexo composto por iate clube, igreja, cassino e casa de baile foi a obra responsável por marcar o estilo construtivo de Niemeyer como influente para a arquitetura moderna internacional. Ao passo que o paisagismo de Roberto Burle Marx fortalecia a originalidade de uma escola brasileira.

Para Montaner (2014, p.25-26), os dois contextos onde a arquitetura moderna se expandiu de forma abrangente foi nos países do Leste e na América Latina. Le Corbusier encontrou na arquitetura moderna latina ambições semelhantes as suas, por aqui o sistema de belas artes já havia se esgotado e os arquitetos buscavam uma superação deste método. A partir de 1945 com o Brasil de Juscelino Kubistchek (JK) adota-se um ponto de vista próprio de sua arquitetura monumental, bela, de presunção espacial e pertencente as artes. Os representantes nacionais modernistas são Oscar Niemeyer, Lúcio costa e Lina Bo Bardi²⁵.

Na década de 1950 JK traz a proposta de uma nova capital para o país, a qual seria difundida por uma arquitetura propagandista. Objeto de um concurso público vencido por Lúcio

²² Jorge Machado Moreira (1904-1992), integrou a equipe que projeto o ministério de educação e saúde do Rio-MES. Um de seus trabalhos mais importantes foi o edifício Antônio Ceppas (1952) NO Rio de Janeiro. Entre seus inúmeros cargos está o de vice-presidente do IAB (1961-1965), onde trabalhou voltado a regulamentação da profissão de arquiteto. (CAVALCANTI, 2001, p.148)

²³ Arquiteto reconhecido com o principal nome do modernismo brasileiro. Oscar Niemeyer foi reconhecido pelos edifícios projetados para Brasília, que se tornaram símbolos da arquitetura brasileiros. Suas edificações são dotadas de poética de característica de avassaladora sensualidade (CAVALCANTI, 2001, p.246 e 267).

²⁴ Os princípios corbusianos se definem a partir de uma gramática básica publica em 1926 por Le Corbusier, os cinco pontos de uma nova arquitetura. São eles: pilotis, fachada livre, janela em fita, planta livre e terraço jardim. A Vila Stein construída em Paris em 1926 exemplifica a utilização destes princípios (DARLING, 2000, p.16-17).

²⁵ De origem Italiana, Lina Bo Bardi (1914-1992), inicia sua carreira em Milão. Por volta de 1946 muda-se para o Brasil com seu marido. Entre seus trabalhos mais significativos estão a Casa Bardi e a sede dos Diários Associados (CAVALCANTI, 2001, p. 166).

Costa, sua construção conta com inúmeros edifícios de Oscar Niemeyer (MENDES, VERÍSSIMO e BITTAR, 2015, p. 142-144).

Segundo Bruand (2012, p. 33-38), existia, contudo, nestes panoramas diferenças regionais que colocavam em oposição os estilos arquitetônicos praticados em dois centros São Paulo e Rio de Janeiro, estes foram denominados de escolas carioca²⁶ e paulista²⁷. Segundo o autor a Escola Carioca estava inserida no cenário da escola de belas artes de Lúcio Costa, que deixou de lado o ecletismo classicizante carioca para se beneficiar dos novos materiais industriais. A ampla utilização do concreto armado no pós-guerra, 1914, propiciou a difusão de inúmeros imóveis tanto em escala pública quanto privada. Blocos geométricos, fachadas limpas, sem presença de ornatos, caracterizavam estes edifícios utilitários desprendidos do valor estético.

Caracterizado como o auge da arquitetura modernista carioca está o plano piloto de Lúcio Costa para Brasília, projetado segundo as diretrizes da carta de Atenas (COLIN, 2004, p.138). Cujas arquitetura se caracterizou pelo uso de formas sinuosas, pela utilização de *brise-soleil*, pela representação de leveza do concreto bem como pela integração de murais e esculturas de artistas aos edifícios. O grupo carioca formado por Oscar Niemeyer, Lucio Costa, Afonso Reidy entre outros, tem o desenvolvimento de sua corrente ideológica até a construção de Brasília (BASTOS, 2003, p.5).

A mudança do centro difusor de arquitetura do Rio de Janeiro para a cidade de São Paulo vai dar origem a escola paulista, está que por sua vez gerou linguagem própria influenciada pelo brutalismo. Sua arquitetura representava o uso bruto do concreto aparente, a inserção dos grandes vãos bem como a estrutura como determinante da forma (BASTOS, 2003, p.5-6).

Segundo a Escola Paulista Bastos, aponta que:

Formalmente, esta arquitetura caracterizou-se pela ênfase na verdade construtiva-levando a exposição da estrutura, em geral em concreto, das alvenarias de vedação, feitas em tijolos ou blocos de concreto, das tubulações – e pela aspiração à industrialização da construção e ao desenvolvimento técnico. Ao contrário da arquitetura da Escola Carioca, caracterizada pela leveza e elegância, a arquitetura paulista explorava o peso, a horizontalidade (BASTOS, 2003, p.6).

²⁶ A escola Carioca se define a partir da utilização da brasilidade por inserir materiais regionais em sua obra, aliado aos princípios do modernismo (BASTOS e ZEIN, 2015, p. 26).

²⁷ A escola Paulista se classifica devido uso de quatro princípios: os pilotis; brise-soleil; forma livre e os planos de vidro (BASTOS e ZEIN, 2015 p. 42).

Composta de arquitetos nacionais e internacionais tem como seus maiores expoentes Lina Bo Bardi e Vila Nova Artigas²⁸. Esta escola apresentou preferência pelas formas retilíneas, abandono a superfície curva, plano de concreto aparente; se caracterizam de modo geral pela simplicidade da forma exterior e tratamento dinâmico do espaço (COLIN, 2004, p.139). A Escola Paulista se classificou devido uso de quatro princípios: os pilotis; *brise-soleil*; forma livre e os panos de vidro (BASTOS e ZEIN, 2015 p. 42).

Além disto a arquitetura moderna brasileira se distingue das demais por aderir materiais que melhor se ajustem às suas necessidades, no que diz respeito ao clima tropical do Brasil. Desta forma se destacou pelo uso de *brise-soleil*, versão atualizada dos muxarabis, o que torna singular, o estilo brasileiro (CAVALCANTI e LAGO, 2005, 81).

Para Montaner (2014, p.27) a arquitetura moderna brasileira “se distinguirá da europeia por uma vontade mais decidida de caracterização de cada edifício, pela expressão dos traços distintivos de cada programa mediante o uso imaginativo do repertório moderno e pela reação com a paisagem”

A arquitetura brasileira segundo Cavalcanti e Lago (2005), irá se valer de materiais tradicionais como: a telha, madeira, tijolos, azulejos e paredes brancas; herdados do barroco estarão presentes nas obras de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer. O uso de técnicas e materiais tradicionais apresentava a solução para os problemas construtivos nacionais e foram vistos como elementos brasileiros.

É a partir do campo arquitetônico moderno que se inicia também no Brasil a relação entre a arquitetura vigente e a passada. Iniciado com Lúcio Costa o instituto para preservação da arquitetura moderna nacional, dedicou-se a preservação da história arquitetônica nacional. Neste sentido inúmeras obras e vários centros históricos têm sido restaurados nas últimas décadas (CAVALCANTI e LAGO, 2005).

1.3.1 Arquitetura moderna paranaense

As transformações políticas, econômicas, sociais e artísticas que ocorriam no modernismo também chegaram ao Brasil no século XX, e se expandiu por todo território,

²⁸ João Vila Nova Artigas (1915-1985) é considerado o principal arquiteto da escola paulista. Foi professor de estética e arquitetura na USP (1941-1947) em 1948 ajudou a fundar a faculdade de arquitetura e urbanismo (FAU) da USP (CAVALCANTI, 2001, p.134).

também para o interior, buscando adequar sua linguagem arquitetônica aos regionalismos (KROIN,2018, p.2)

Por volta do século XX no Brasil acontece a circulação de uma série de arquitetos recém-formados, no intuito de expandir seus ideais arquitetônicos, o que alavancou as atividades modernistas. Os debates que aconteciam na capital Federal em 1934 por Lúcio Costa ainda pouco ecoavam nas cidades brasileiras, os mesmos só irão começar a se consolidar no interior a partir dos anos 1960 (SANTOS e ZEIN, p.3, 2009).

Portanto, a partir de 1960, a cidade de Curitiba foi alvo de um número significativo de egressos (destaque para a universidade Mackenzie²⁹), estes por sua vez puderam alcançar o reconhecimento no meio arquitetônico através da participação em concurso. A convivência com arquitetos da vertente modernista brasileira com Vila Nova Artigas, Paulo Mendes Da Rocha³⁰, bem como outros colegas das academias USP (Universidade de São Paulo) e Mackenzie marcam os arquitetos que se mudam para Curitiba. São expoentes desse período Jose Maria Gandolfi³¹, Luiz Forte Netto³² e Roberto Luiz Gandolfi³³(SANTOS e ZEIN, p.3-7, 2009).

Segundo Pacheco:

O período de 1957 a 1961, portanto, deve ser entendido como a preparação aos concursos paranaenses, pois aborda os cinco anos corridos em que os arquitetos paulistas que se transferiam à Curitiba a partir de 1962 ainda residiam em São Paulo. Nesta cidade complementariam suas formações acadêmicas e adquiririam experiência pela participação como coautores ou colaboradores em concursos junto aos grandes escritórios de arquitetura (PACHECO, 2004, p.156).

A referência paulista no interior do estado do Paraná gerou algumas manifestações arquitetônicas de destaque como a estação Rodoviária de Londrina em 1953 e a Residência do

²⁹ A Universidade Mackenzie era a referência de Faculdade de Arquitetura no estado de São Paulo. O período de transição da reforma no ensino que passava do academicismo da *Beaux-Arts* para rendição ao modernismo formou inúmeros egressos responsáveis por uma arquitetura de alta qualidade. Entre estes pode-se citar: Oswaldo Bratke, Paulo Mendes da Rocha, Carlos Millan entre outros (PACHECO, 2004, p. 39-40).

³⁰ Paulo Mendes Da Rocha pertence a última geração de arquitetos modernistas. Foi professor da Faculdade de Arquitetura da USP e em 1972 foi eleito presidente do instituto de arquitetos do Brasil. Entre seus projetos mais importantes estão o Pavilhão Brasileiro na Feira Internacional de Osaka, o Museu de Arte Contemporânea da USP, o Museu Brasileiro de Escultura em São Paulo e o Museu de Arte em Campinas (CAVALCANTI, 2001, p.324-325).

³¹ José Maria Gandolfi (1933), natural de São Paulo se forma em arquitetura pela Mackenzie. Venceu o concurso para a nova sede do Santa Mônica Clube de Campo. Em sua arquitetura manifesta as características da linha moderna brutalista (SANTOS,2011, p.7).

³² Luiz Forte Netto (1936), natural de São Paulo se forma em arquitetura pela Mackenzie. Veio a Curitiba, a convite de Francisco Moreira, iniciou docência na UFPR em 1962. (SANTOS, 2011, p.7).

³³ Roberto Luiz Gandolfi arquiteto formado pela Mackenzie, foi grande expoente da arquitetura de Curitiba. Conquistou 19 premiações em concursos juntamente ao escritório Forte Gandolfi (equipe formada também por Jose Gandolfi e Luiz Netto) (SANTOS, 2011, p.205).

doutor José Luiz Bettega em 1953, criações do arquiteto João Batista Vilanova Artigas (SANTOS e ZEIN, p.4, 2009).

Figura 1- Estação Rodoviária de Londrina



Fonte: Prefeitura de Londrina (2011).

Figura 2 - Residência do doutor José Luiz Bettega



Fonte: Santos (2008, p. 38).

A inserção do curso de arquitetura na UFPR em 1961, na cidade de Curitiba. Traz um período marcado pela tendência do brutalismo³⁴ herdado da escola paulista e pela participação expressiva de arquitetos paranaenses em concursos nacionais. Neste sentido inúmeros concursos surgem aliados a política vigente; governos federais, estaduais e municipais irão promover obras por todo o território nacional. Estas por sua vez foram representadas pelo grupo do Paraná que impulsionou o desenvolvimento da arquitetura modernista por todo país (PAHECO, 2004, 188-247).

A partir do viés modernizante e dos inúmeros concursos a cidade de Curitiba em pouco tempo ganha status de cidade moderna ao desenvolver um número significativos de edifícios e residências inéditas. As questões da intervenção urbana, o projeto de transporte coletivo, o adensamento populacional e a definição do uso de solo preparam e cidade para o futuro (SANTOS e ZEIN, 2009, p.6, 2009).

1.4 PATRIMÔNIO HISTÓRICO

³⁴ Ainda que influenciado pela linguagem bruta de Le Corbusier o brutalismo paulista segue seu plano de ação segundo as adequações de Vila Nova Artigas. Suas soluções eram fundamentadas por: preocupação com a economia, valorização do que era necessário assim como a imposição de um modo de vida e do ideal estético. Sua variação formal era composta pelo repertório racionalista brasileiro (BRUAND, 2012, 295-296)

De acordo com Gregotti (2001, p.68), a estruturação formal da arquitetura se desenvolve em torno dos problemas urbanos, onde a cidade representa a transformação do ambiente, que passou do estado de natureza para o estado cultural. Está mesma cidade apresenta-se estruturada por sua forma construtiva, que é capaz de preservar a história dos signos de uma comunidade, admitindo que seus significados e valores estão acima do ambiente territorial. O que evidencia a relação paisagem-sociedade como fator de máxima importância para os modelos culturais.

Característico período moderno, o patrimônio histórico e artístico nacional são bens que merecem proteção, tendo como intuito preservá-los para as futuras gerações, devido o valor simbólico e cultural que transmitem a nação. As políticas públicas de preservação consideram a importância do patrimônio não só na expressão da diversidade cultural e gestão social, mas também na apropriação deste universo simbólico pela população (FONSECA, 2017, p. 17-26).

Segundo art. 216 da Constituição Federal “constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (BRASIL, 1988).

Ainda segundo Fonseca (2017, p. 13-26), o patrimônio histórico e artístico nacional deve ser entendido como uma prática social de construção que objetivem identidades coletivas. A narrativa do patrimônio material brasileiro tem se apresentado a partir da identificação de bens que se apresentam como marcos históricos da diversidade cultural e da ocupação territorial brasileira. Já a criação da paisagem cultural brasileira tem como base a preservação de áreas que resultem da interação cultural do homem com o meio.

A arte arquitetônica é filha do seu tempo e segue a predisposição do mercado, se ajustando as conjunturas econômicas vigentes. E conforme ela se molda parte das características históricas da cultura local se perde, pois, é ofuscada mediante aos novos holofotes voltados para a atualidade (BASTOS e ZEIN, 2015, 348).

1.5 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Percebe-se que a arquitetura moderna surge em um momento amplo e de inúmeras transformações sociais. Sua principal revolução está relacionada a utilização dos novos materiais como o aço e o concreto armado, o que possibilitou novas configurações para os edifícios modernos.

Apresentam-se como as principais correntes deste período o racionalismo baseado na arquitetura funcional e o organicismo que leva em consideração a humanização dos espaços. Indica-se ainda relativo ao tema modernista, como esta vertente chega ao interior do Paraná e influencia as construções relativas ao modernismo tardio.

Por fim conceituou-se a importância do patrimônio histórico indicando que preservar a história dos signos através dos edifícios é de grande valia uma vez que os mesmos identificam culturas e valores de uma sociedade.

2. CORRELATOS

Este capítulo se destina a apresentar estudos correlatos relativos a produção de inventário arquitetônico do patrimônio nacional. As exposições destes casos são fundamentais para acrescentar valor a produção acadêmica e significativos para orientar a abordagem de análise a ser desenvolvida pela pesquisadora. Foram escolhidas três dissertações de mestrado que através do critério de inventário arquitetônico buscassem perpetuar o valor do patrimônio histórico local, de modo a respaldar o caminho a ser percorrido pelo autor.

Deste modo a escolha dos autores pode ser caracterizada por:

- Rocha (2001) se deu não só pela análise de elementos modernistas mais também pela identificação das intervenções nos patrimônios modernistas.
- Morais (2013) pelo contexto de pouca preservação do patrimônio arquitetônico local;
- Moreira (2014) pela riqueza de informações do inventário que caracteriza o cenário do patrimônio de sua formação histórica o contexto presente.

2.1 PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO MODERNO: DO DEBATE ÀS INTERVENÇÕES

Dissertação de mestrado apresentada em 2011 por Mércia Parente Rocha na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), tem por objetivo entender como as intervenções arquitetônicas tem orientado na prática a conservação do patrimônio histórico moderno (ROCHA, 2011).

Segundo Köhl (2008, p. 222), as intervenções realizadas em monumentos históricos são ações de grande importância para preservar o patrimônio, entretanto é possível notar que nem sempre as intervenções executadas em bens patrimoniais estão munidas de bagagem o que tem colocado o mesmo em situação de risco. Neste sentido o autor aponta “algo que se verifica na prática das intervenções, com frequência, é o fato de não se procurar entender e respeitar aquilo que distingue e caracteriza o edifício ou conjunto arquitetônico[...]”.

O trabalho analisa a influência do movimento moderno na cidade de João Pessoa, por possibilitar levantamento de campo e documental de obras modernistas que passaram ou estão em processo de intervenção, sendo estas reconhecidas por órgãos acadêmicos ou patrimoniais.

A justificativa da pesquisa está relacionada a proteção limitada da arquitetura moderna nacional que por ser extensa depende de alternativas protetivas além do processo de tombamento. Uma vez que seu patrimônio tem sofrido não só com reformas que desconsideram

o valor do bem histórico, mas também com demolições, resultantes da especulação imobiliária. Neste sentido as intervenções arquitetônicas se apresentam essenciais para a manutenção do patrimônio (ROCHA, 2011).

Além disto apresenta extenso referencial teórico que trata da evolução relativa à conservação da arquitetura moderna, buscando entender o reconhecimento sobre as intervenções e ações protetivas do patrimônio desde sua origem, para então poder analisar as novas condições e desafios do ideário moderno (ROCHA, 2011).

O inventário que caracteriza o cenário modernista de João Pessoa contempla 39 obras registradas em formato de ficha apresentada em na dissertação. Foram selecionadas de acordo com o reconhecimento destes edifícios tendo como foco analisar quais obras passaram por processo de intervenção (ROCHA, 2011).

A metodologia do estudo contempla: levantamento documental, visitas de campo, levantamento fotográfico, entrevistas, análises e reflexões. Tendo com fonte o arquivo central do IPHAEP (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba), alguns arquivos da Diretoria De Conselho Urbano (DIRCON), o relatório de acatamento de arquitetura moderna do IPHAN Recife (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) além de entrevistas com arquitetos e responsáveis pelas intervenções (ROCHA, 2011).

A organização dos dados foi feita em fichas A4 e contempla os dados da obra, imagem comparativa passado e presente, sua referência bibliográfica uma vez que o estudo foi produto de uma linha de trabalhos, a identificação atual da planta considerando três opções (projeto original, levantamento ou projeto de intervenção), em caso de intervenção cita o autor e a data, especifica também o uso atual, o registro de presença ou ausência de intervenções e por fim as plantas da edificação (ROCHA, 2011). O modelo da ficha do inventário pode ser vista no Anexo A.

Este correlato se mostra relevante para a pesquisa pela metodologia aplicada que resultou em ficha catalográfica sintetizada e de fácil entendimento. O ponto de destaque da análise é a relação levanta pela autora entre patrimônio histórico e as intervenções de preservação. Nesse sentido pode-se fazer um contraponto com o caso de Cascavel, mas diferentemente da dissertação neste caso a análise de intervenções diz respeito a degradação dos bens modernistas oriundos da especulação imobiliária.

2.2 INVENTÁRIO URBANO DE CAÇAPAVA DO SUL: PATRIMÔNIO DE VALOR ARQUITETÔNICO, HISTÓRICO E CULTURAL

A dissertação de mestrado apresentada por Michelle Campos Morais, em 2013 na Universidade Federal de Santa Maria, tem como objetivo contribuir e reforçar o sentimento de preservação das edificações relevantes do ponto de vista histórico, cultural e arquitetônico da cidade de Caçapava do Sul por meio de inventário arquitetônico (MORAIS, 2013).

De acordo com Miranda:

Sob o ponto de vista prático o inventário consiste na identificação e registro por meio de pesquisa e levantamento das características e particularidades de determinado bem, adotando-se, para sua execução, critérios técnicos objetivos e fundamentados de natureza histórica, artística, arquitetônica, sociológica, paisagística e antropológica, entre outros. Os resultados dos trabalhos de pesquisa para fins de inventário são registrados normalmente em fichas onde há a descrição sucinta do bem cultural, constando informações básicas quanto a sua importância, histórico, características físicas, delimitação, estado de conservação, proprietário etc (MIRANDA, 2008, s.p.).

A pesquisa se justifica uma vez que os monumentos representativos de valor arquitetônico, histórico e cultural do período de formação da cidade de Caçapava foi destruído em grande parte. Neste sentido surge a necessidade de preservar os bens restantes que conferem identidade a cidade, através de documentação dos bens, inventário e políticas de preservação ao patrimônio (MORAIS, 2013).

O trabalho foi estruturado em tópicos independentes organizados em 6 capítulos: introdução que apresenta a relevância do tema, problema e objetivo de pesquisa; a revisão bibliográfica que apresenta o embasamento teórico a partir das definições de patrimônio, valor histórico, monumento e inventário; materiais e métodos fundamental para a produção da ficha; inventário de Caçapava que trata da identificação e registro dos bens assim como análises, discussão dos resultados e conclusão (MORAIS, 2013).

Apresentado no quarto capítulo o inventário da cidade de Caçapava foi escolhido pela pesquisadora a partir de critério de delimitação territorial, e contempla a zona de interesse do patrimônio estabelecida no plano diretor do município. Desta zona foram analisados 22 bens remanescentes do inventário de 1987, os mesmos foram indicados em figuras delimitando a área de estudo – ver anexo B (MORAIS, 2013).

A metodologia considera o levantamento documental como a base de pesquisa, aliado ao levantamento das áreas externas das edificações. As fontes consultadas para obter as informações do inventário base de dados da prefeitura juntamente as secretarias de cultura, da fazenda e do planejamento, documentos de cidadãos e estudiosos locais, documentos do Centro

Municipal de Cultura, da biblioteca pública bem como do inventário de bens culturais do ano de 1987 (MORAIS, 2013).

De modo a definir a ficha-base do inventário utilizou-se um modelo do IPHAN. As informações foram classificadas nos itens: identificação, dados, documentação fotográfica, elementos construtivos, estado de conservação, entorno, histórico assim como data e autoria do levantamento – ver anexo C (MORAIS, 2013).

O correlato se mostra pertinente a pesquisa uma vez que o cenário de pouca preservação do patrimônio da cidade de Caçapava se aproxima muito do contexto cascavelense. Neste sentido o inventário como instrumento de preservação e documentação tem o poder de preservar a memória coletiva priorizando o respeito pelo bem.

2.3 O INVENTÁRIO DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO DAS ZONAS DE ENTORNO DOS BENS TOMBADOS DE CRUZ ALTA – RS

A dissertação de mestrado apresentada a Universidade de Santa Maria em 2014 por Pedro Couto Moreira, tem como objetivo destacar a importância da preservação e o valor do bem histórico, divulgando o patrimônio arquitetônico para a sociedade de Cruz Alta através de inventário que identifique a cidade desde a sua fundação em 1821 até 1960, com as edificações singulares da arquitetura modernista (MOREIRA, 2014).

Patrimônio histórico segundo Choay (2001, p. 11) é a expressão que “[...]designa um bem destinado ao uso fruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum[...]”.

O trabalho se justifica uma vez que o conjunto edificado de um lugar pode ser utilizado como objeto de análise entre o desenvolvimento arquitetônico e o histórico local. Uma vez que Cruz Alta sofreu influência dos estilos arquitetônicos Neoclássico, Eclético, Neocolonial, *Art Déco* e Modernista, se faz necessário a elaboração de inventário que contemple as diferentes manifestações artísticas e culturais de modo a fundamentar a preservação do patrimônio cruz-altense (MOREIRA, 2014).

A dissertação se apresenta dividida em 6 capítulos: introdução onde se delimita toda a linha de trabalho e introduz o embasamento teórico no conjunto em que o tema se insere; revisão bibliográfica que contextualiza o desenvolvimento da cidade, de seu traçado urbano, abordando

também questões relativas ao patrimônio e ao inventário como objeto de preservação; o terceiro capítulo apresenta os métodos e materiais onde se explica a escolha dos bens, o levantamento dos dados, suas análises e abordagens; o inventário que cataloga as edificações segundo o contexto histórico, cultural, construtivo e arquitetônico, assim como as análises e conclusões (MOREIRA, 2014).

A investigação central do trabalho diz respeito ao patrimônio arquitetônico da cidade, neste sentido o estudo analisou um recorte temporal de 139 anos, a delimitação deste período se justifica pela grande quantidade de edificações elegidas como patrimônio, aliado ao plano diretor municipal que especifica a importância de efetuar o inventário das edificações desde a formação da cidade até 1960 (MOREIRA, 2014).

Apresentado no quarto capítulo o inventário que analisou 25 edificações segue o modelo a ficha do Sistema de Rastreamento Cultural do IPHAE (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Estadual). O levantamento documental do inventário contou com órgãos municipais como prefeitura, museu, secretaria de patrimônio histórico entre outros, bem como documentos e relatos de estudiosos e moradores cruz-altenses sobre a evolução urbana. A escolha das edificações inventariadas segue a relevância histórico-cultural ou morfológico-arquitetônicas, que representem a produção construída ao longo dos anos (MOREIRA, 2014).

As informações das fichas catalográficas foram divididas em duas etapas, o modelo da primeira faz parte dos anexos do trabalho, segue o padrão do IPHAE e possui as informações gerais dos bens e os primeiros levantamentos, assim como imagens e breve análise arquitetônica – Anexo D (MOREIRA, 2014).

Já o modelo de ficha complementar foi desenvolvido baseado nas informações do antigo modelo do IPHAE e traz informações a respeito da conservação e da construção física, identificando as características atuais e quando possível traz plantas e elementos da edificação e segue. A metodologia utilizada para levantamento dos dados consiste na identificação, registros fotográficos, pesquisa bibliográfica e de campo e levantamentos das áreas externas – Anexo E (MOREIRA, 2014).

A dissertação apresentada traz contribuições consideráveis para esta pesquisa uma vez que o posicionamento deste inventário além de contribuir para a preservação dos imóveis inventariados o fez de maneira aprofundada de modo a levantar o maior número de dados documentais caracterizando o edifício desde seu surgimento até a condição atual.

2.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Posto que o objetivo geral do trabalho consiste em identificar e catalogar as principais obras representativas do modernismo da cidade de Cascavel-PR, os correlatos apresentados foram fundamentais para delinear o próximo capítulo da pesquisa, além de se mostrarem essências para maiores esclarecimentos a respeito do patrimônio histórico e do inventário arquitetônico.

Chegou-se à conclusão que fazer o inventário das obras modernistas de Cascavel é uma necessidade urgente, uma vez que o mesmo é o documento responsável registrar a identidade de uma cidade, contribuindo na manutenção da memória urbana e na preservação da história local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentre as inúmeras contribuições que o movimento moderno proporcionou a arquitetura e sociedade de seu tempo pode-se citar: o uso de novas tecnologias, a proximidade permitida pela máquina, a preocupação com a moradia social, salubridade e conforto ambiental bem como a criação de identidade arquitetônica única.

No Brasil o modernismo também foi amplamente difundido, e aqui o uso desta nova arquitetura representava a brasilidade nacional. As contribuições modernistas se adaptaram a realidade local, inserindo a preocupação com o patrimônio histórico o que transformou a linguagem modernista brasileira em um estilo ímpar reconhecido mundialmente.

A interiorização deste estilo arquitetônico se mostrou forte por todo o território nacional e no contexto paranaense não foi diferente, aqui a influência do brutalismo paulista se fez presente e foi importante para a criação de uma nova identidade regional marcada pelo avanço tecnológico que deixava de lado os primeiros ciclos construtivos para consolidar a modernidade. Esta marcha para o interior se deu junto ao quadro dos concursos extremamente difundidos no período modernista.

Buscando um contexto identitário nacional desenvolveu-se paralelo ao modernismo as políticas de preservação do patrimônio histórico, que passa a identificar os bens que se apresentam como marcos da diversidade cultural e da ocupação nacional brasileira, tendo em vista que levantar o patrimônio histórico de uma nação é afirmar a identidade de sua época gerando a base da identidade de um indivíduo.

A respeito do exposto referente ao modernismo e percebendo a importância do patrimônio histórico no contexto nacional pretendeu aproximar o trabalho das abordagens de catalogação arquitetônicas de modo a identificar o contexto do surgimento da cidade de Cascavel-PR.

Neste sentido se mostra importante destacar que valorizar o patrimônio histórico de uma sociedade é de grande valor para afirmar a identidade cultural materializa na arquitetura, uma vez que o mesmo representa o passado e é fundamental para a formação de memória coletiva. Partindo do princípio que a valor do patrimônio está diretamente atrelado a seu conhecimento e conservação, se faz necessário elaborar um inventário arquitetônico das principais edificações modernistas da cidade de Cascavel. De modo que o mesmo se apresente não só como documentação de bens, mas também como instrumento de prática à cidadania, fortalecendo assim o sentimento de pertencimento do contexto modernista pela sociedade.

Portanto, o próximo capítulo apresentará o contexto modernista em que se insere a cidade de Cascavel, bem como as informações das obras de relevância para cidade. Evidenciando as edificações institucionais e particulares não residências que caracterizam o cenário modernista. As informações serão levantadas através de visita *in loco* e pela coleta de dados junto a SEPLAN – Secretaria de planejamento da cidade de Cascavel.

Portanto as obras escolhidas como relevantes para análise foram: Catedral Metropolitana de Cascavel, Praça do Migrante, Biblioteca Municipal, Cine Delfim, Agência do Banco Itaú (Paraná c/ Sete de Setembro), Paróquia Santo Antônio, Fórum Municipal, Prefeitura Municipal, Sede da Plantar.

A urgência deste levantamento diz respeito a descaracterização acelerada das mesmas devido a intensa especulação imobiliária e a falta de reconhecimento social. Neste sentido indica-se a importância de documentar o registro arquitetônico modernista de Cascavel por meio de inventário a ser desenvolvido como análise desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Luiz. **Obituário arquitetônico: Pernambuco Modernista**. Recife: Santa Marta 2007.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CIMENTO PORTLAND. **Guia básico de utilização do cimento portland**. 7.Ed. São Paulo, 2002.
- BASTOS, Maria Alice Junqueira. **Pós-Brasília: rumos da arquitetura brasileira: discurso prática e pensamento**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- BASTOS, Maria Alice Junqueira e ZEIN, Ruth Verde. **Brasil: arquitetura após 1950**. 1 Ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da arquitetura moderna**. 3. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 21 de ago. 2019.
- BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. 5. Ed. São Paulo: perspectiva, 2012.
- CAVALCANTI, Lauro. **Quando o Brasil era moderno: guia de arquitetura 1928-1960**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- CAVALCANTI, Lauro e LAGO, André Corrêa do. **Ainda moderno? Arquitetura brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- COLIN, Silvio. **Uma introdução à arquitetura**. 3. Ed. Rio de Janeiro, 2004.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- DARLING, Elizabeth. **Le Corbusier**. Dubai: Carlon Books Limited, 2000.
- FONSECA, Maria Cecilia Londres. **O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil**. 4. Ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.
- FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna**. 1. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GYMPEL, Jan. **História da Arquitectura: da antiguidade aos nossos dias**. Colónia: Konemann, 2001.
- GLANCEY, Jonathan. **A história da arquitetura**. São Paulo: Loyola, 2001.
- GRAU, Arnaldo Puig. **Síntese dos estilos arquitectónicos**. 2. Ed. Lisboa: Plátano, 1989.
- GREGOTTI, Vittorio. **Território da arquitetura**. 3.Ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

IPHAN. **Carta de Atenas**. IPHAN, 1933. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201933.pdf>. Acesso em 01 de out 2019.

KROIN, Vanderlei. **Panorama do modernismo no paraná no século XX**. Vol. 12. UNIOESTE: **Revista Entrelinhas**, 2018. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/viewFile/entr.2018.12.1.04/60746495>. Acesso em 24 de ago. 2019.

KÜHL, Beatriz Mugayar. **Preservao do patrimônio arquitetônico da industrializao: problemas teóricos do restauro**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

LONDRINA, Prefeitura. **Terminal rodoviário de Londrina: Histórico**. Londrina, 2008. Disponível em: <http://trl.londrina.pr.gov.br/index.php/historia.html>. Acesso em: 09 de set. 2019.

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 8. Ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MENDES, Chico; VERÍSSIMO, Chico e BITTAR, Willian. **Arquitetura no Brasil: de Deodoro a Figueiredo**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Imperial Novo, 2015.

MIRANDA, Marcos Paulo de Souza. **O inventário como instrumento constitucional de proteo ao patrimônio cultural brasileiro**. Terezina: Revista Jus Navigandi, 2008- ISSN 1518-4862. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/11164>. Acesso em: 13 out. 2019.

MONTANER, Josep Maria. **A condio contemporânea da arquitetura**. São Paulo: Gustavo Gilli, 2016.

MONTANER, Maria Josep. **Depois do movimento moderno: arquitetura da segunda metade do século XXI**. 1. Ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2014.

MORAIS, Michelle Campos. **Inventário urbano de Caçapava do Sul: patrimônio de valor arquitetônico, histórico e cultural**. Santa Maria: UFSM, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/11016/MORAIS%2C%20MICHELLE%20CAMPOS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 12 de ago. 2019.

MOREIRA, Pedro Couto. **O inventário do patrimônio arquitetônico das zonas de entorno dos bens tombados de Cruz Alta – RS**. Santa Maria: 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/11045/MOREIRA%2c%20PEDRO%20COUTO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 12 de Ago. 2019. Acesso em 12 de ago. 2019.

PACHECO, Paulo Cesar Braga. **O risco do Paraná e os concursos nacionais de arquitetura 1962-1981**. Curitiba, PUC-PR, 2004. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/6711>. Acesso em: 09 de set. 2019.

PEREIRA, José Ramón Alonso. **Introduo a história da arquitetura: das origens ao século XXI**. Porto Alegre: Bookman, 2010.

POLIÃO, Marco Vitrúvio. **Da arquitetura**. São Paulo: Hucitec, Fundao para a pesquisa ambiental, 1999.

ROCHA, Mércia Parente. **Patrimônio arquitetônico moderno: do debate às intervenções**. João Pessoa: UFPB, 2011. Disponível em: file:///D:/Arquitetura/9%C2%BA%20per%C3%ADodo/TC/MONOGRAFIA/2%20cap%C3%ADtulo/ESSES/arquivototal.pdf. Acesso em 11 de out 2019.

SANTAELLA, Lucia. **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?**. 1.Ed. São Paulo: Paulus, 2005.

SANTOS, Michelle Schneider **A Arquitetura do Escritório Forte Gandolfi: 1962-1973**. São Paulo: Mackenzie 2011. Acesso em: http://www.studioarqbox.com/download/artigos/studioarqbox_a_moderna_curitiba_dos_anos_1960.pdf. Acesso em: 27 de ago. 2019.

SANTOS, Micelle Schneider e ZEIN, Ruth Verde **A moderna Curitiba dos anos 1960: jovens arquitetos, concurseiros, planejadores**. Rio de Janeiro: 8º DOCOMOMO, 2009. Disponível em: http://www.studioarqbox.com/download/artigos/studioarqbox_a_moderna_curitiba_dos_anos_1960.pdf. Acesso em: 25 de ago. 2019.

ROTH, Leland. **Entender a arquitetura: seus elementos história e significados**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

POLIÃO, Marco Vitrúvio. **Da arquitetura**. Tradução e notas Marco Aurélio Lagonegro. São Paulo: Hucitec; fundação para a pesquisa ambiental, 1999.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. 5. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

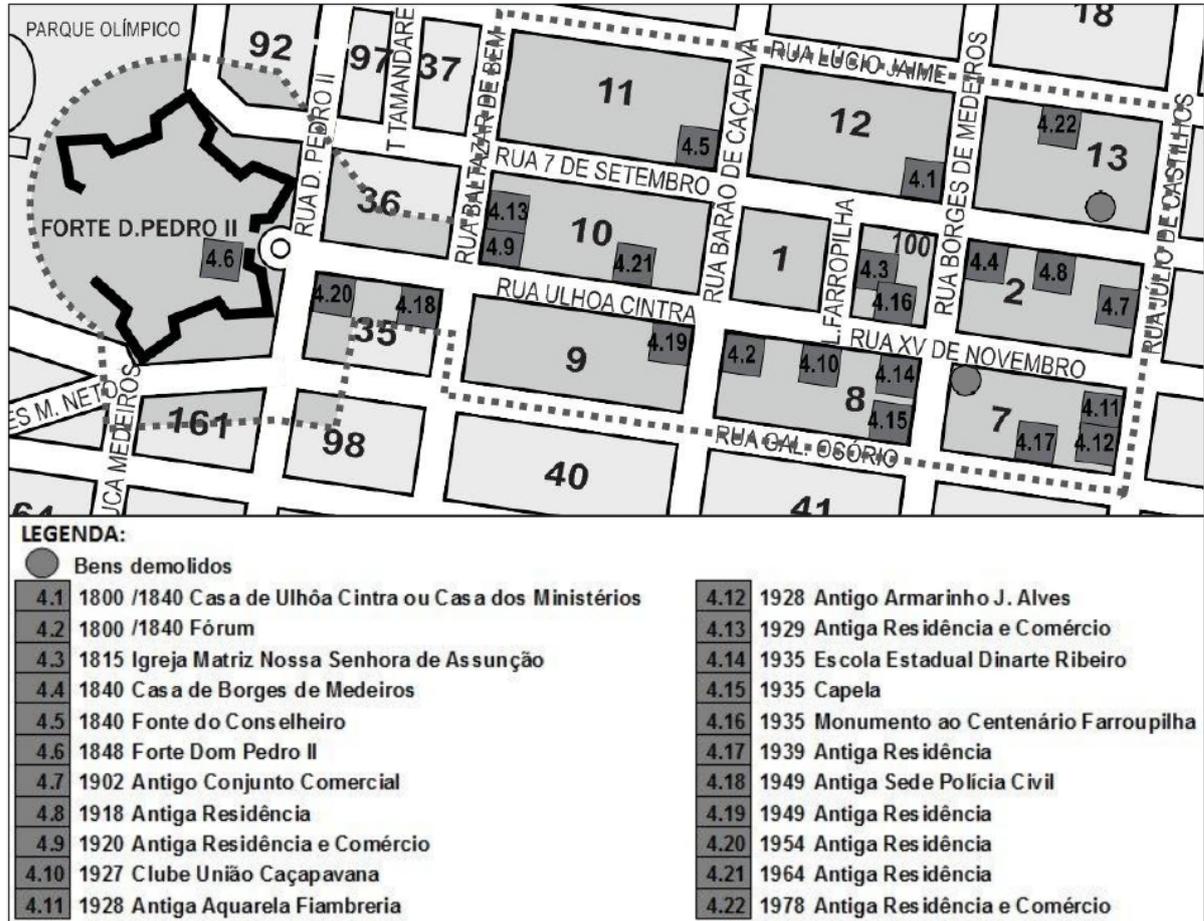
ANEXOS

ANEXO A – REGISTRO DO PATRIMÔNIO MODERNO DE JÕAO PESSOA

PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO MODERNO: DO DEBATE ÀS INTERVENÇÕES		Mércia Parente Rocha PPGAU/UFPB
REGISTRO DO PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO MODERNO EM JOÃO PESSOA		FICHA 1
 <p>Configuração em 1935. (TRAJANO FILHO, 1999. p. 82)</p>	OBRA Palácio da Secretaria da Fazenda (Finanças) 1932/1935	
	ARQUITETO Clodoaldo Augusto de Souza Gouvêa (DVOP) ENDEREÇO Av. Gama e Melo com Rua Cardozo Vieira, Centro. PROTEÇÃO IPHAEP – área de Preservação Rigorosa: DEC 25138/2004	
 <p>Configuração em 2011. Foto: Andrei de Ferrer.</p>	OBRA CITADA EM TINEM, 2009. PLANTAS IDENTIFICADAS <input type="checkbox"/> projeto original <input type="checkbox"/> levantamento <input type="checkbox"/> projeto intervenção Fonte	
	AUTORIA DA INTERVENÇÃO DATA	
USO ATUAL Mesmo uso		
INTERVENÇÃO <input checked="" type="checkbox"/> intervenção não identificada <input type="checkbox"/> intervenção identificada		
PLANTAS Não identificadas		

Fonte: Rocha (2008, p.1 anexo B).

ANEXO B – DELIMITAÇÃO DA ÁREA DO INVENTÁRIO DE CAÇAPAVA DO SUL



Fonte: Morais (2013, p.58).

ANEXO C - REGISTRO DO PATRIMÔNIO DE CAÇAPAVA DO SUL

INVENTÁRIO URBANO PATRIMÔNIO DE VALOR ARQUITETÔNICO, HISTÓRICO E CULTURAL CAÇAPAVA DO SUL - RIO GRANDE DO SUL - BRASIL	
IDENTIFICAÇÃO	
Denominação Casa de Ulhôa Cintra ou Casa dos Ministérios ou Casa de Reunião dos Farrapos	
Município / Estado Caçapava do Sul / RS	Endereço Rua Sete de Setembro, nº 521 esq. Rua Borges de Medeiros - Bairro Centro
Sector / Quadra / Lote 1 / 12 / 1	Cadastro IPTU 511000 / 511010 / 512000



DADOS	
Data de construção Entre 1800-1840	Nome do proprietário Maria Amélia Antunes / Tânia Conceição Antunes
Área do lote 329,00m ² (17,70x19,00x17,50x17,10)	Área construída 435,00m ² (214,00+186,00+35,00)
Uso original Residência	Uso atual Sem uso
Propriedade Privada	Situação de ocupação Própria, desocupada
Grau de proteção Bem tombado pelo IPHAE, em 24 de fevereiro de 1994, sob o processo nº 00.927-11.00-SEDAC/91.9, inscrito no Livro do Tombo nº 76 pela Portaria nº 05/94 de 24 de fevereiro de 1994, publicada no D.O.E. em 28 de fevereiro de 1994. Por erro a Portaria nº 05/94, saiu como Portaria nº 05/93, sendo retificada em 13 de maio de 1994 e publicada no D.O.E. em 20 de maio de 1994 como retificação da publicação. Originalmente o prédio foi tombado pela Portaria nº 17/91 de 19 setembro de 1991 e publicada no D.O.E. em 30 de setembro de 1991, mas não homologada. Bem inventariado em 06/03/1987 sob o registro PRS/87-0001.00022.	

Fonte: Moraes (2013, p.62).

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



Figura 13: Vista superior. Fonte: acervo de Gelson Nunes de Oliveira, s/d.



Figura 14: Perspectiva. Fonte: Projeto Caçapava, s/d.



Figura 15: Fachada frontal. Fonte: A autora, 2012.



Figura 16: Fachada lateral. Fonte: A autora, 2012.



Figura 17: Detalhe telhado danificado e com vegetação daninha. Fonte: A autora, 2012.



Figura 18: Escudo da família na fachada e janelas em arco abatido. Fonte: A autora, 2012.



Figura 19: Detalhe cimalha. Fonte: A autora, 2012.



Figura 20: Detalhe fachada. Fonte: A autora, 2012.

ELEMENTOS CONSTRUTIVOS				
Cobertura				
Telhamento	<input checked="" type="checkbox"/> Capa/canal	<input type="checkbox"/> Francesa	<input type="checkbox"/> Fibrocimento	<input type="checkbox"/> Outro:
Acabamento	<input checked="" type="checkbox"/> Beiral	<input type="checkbox"/> Platibanda	<input type="checkbox"/> Lambrequim	<input type="checkbox"/> Outro:
Coroamento	<input checked="" type="checkbox"/> Cimalha	<input type="checkbox"/> Friso	<input type="checkbox"/> Frontão	<input type="checkbox"/> Outro:
Nº de águas	4			
Estrutura	<input type="checkbox"/> Portante	<input type="checkbox"/> Independente	<input checked="" type="checkbox"/> Outro: a levantar	
Vergas	Portas: arco abatido		Janelas: arco abatido	
Materiais	Subsolo	1º Pavimento	2º Pavimento	Sótão
Vedação da estrutura	Alvenaria de tijolo de barro cozido	Alvenaria de tijolo de barro cozido	-	-
Revestimento da fachada	Reboco e argamassa	Reboco e argamassa	-	-
Pintura da fachada	Tinta plástica	Tinta plástica	-	-
Esquadria	-	Madeira e vidro	-	-
Informações relevantes				
Edificação térrea, exemplar da arquitetura colonial luso-brasileira, construída entre 1800-1840. Possui fachada assimétrica, escudo em alto-relevo supostamente da família Cintra, beiral com cimalha, esquina em cunhal. Anexo com platibanda com tratamento decorativo em alto-relevo. Esquadrias com verga em arco abatido e moldura na parte superior. Acesso pelas duas ruas, com escadas no passeio. Portas em madeira e vidro com 2 folhas de abrir, postigo interno e bandeira alta. Janelas em madeira e vidro, guilhotina ou 2 folhas de abrir, com postigo interno. Portão da garagem metálico.				

ESTADO DE CONSERVAÇÃO	
<input type="checkbox"/>	Homogêneo (original)
<input checked="" type="checkbox"/>	Heterogêneo (apresenta substituição de alguns elementos originais por elementos novos)
<input type="checkbox"/>	Descaracterizado (muitos elementos substituídos)
Informações relevantes	
Edificação em péssimo estado de conservação e com diversas patologias. Situação agravada com o desabamento de parte da cobertura, deixando exposta às intempéries. Apesar de ser um bem tombado, apresenta risco de desaparecimento, sendo prioritária para preservação.	

ENTORNO PRÓXIMO	
<input checked="" type="checkbox"/>	Edificação de referencial urbano
<input type="checkbox"/>	Edificação como parte de um conjunto
<input type="checkbox"/>	Edificação conformadora do perfil urbano
Informações relevantes	
Edificação próxima a outros bens tombados (IPHAE). Situada em esquina, construída sobre o alinhamento dos passeios. Em relação aos afastamentos, não possui recuo frontal em ambas as ruas e possui recuo em uma lateral. Lote fechado com muros. Passeio calçado. Logradouro bloco basalto.	

HISTÓRICO	
A edificação pertenceu a José Pinheiro de Ulhôa Cintra, ministro de diversas pastas da República Rio-grandense. No período da Revolução Farroupilha a casa abrigou os ministérios do Governo. Os Farroupilhas deram o nome de "Casa de Reunião dos Farrapos". No prolongamento do prédio, na Rua Dr. Borges de Medeiros, ainda existe o portão de um galpão (hoje transformado em garagem), onde foram instaladas as oficinas do jornal oficial da revolução, "O Povo". No local foram impressos 115 dos 160 números do jornal. Depois de cessados os combates, a casa foi residência do ex-ministro Ulhôa Cintra e sua família. De 1902 a 1908 foi sede do Clube União Caçapavana. Em 1970, foi sede do Museu Lanceiros do Sul. Houve uma sucessão de proprietários, entre eles Percival Antunes, que restaurou sem alterar as linhas originais. Estava sendo locada pela gestão municipal 2008-2012, até o desabamento de parte da cobertura em 25 de fevereiro de 2012.	

LEVANTAMENTO	
Data 08/09/2012	Pesquisador Arq. e Urb. Michelle Campos Morais

ANEXO D – REGISTRO DO PATRIMÔNIO DE CRUZ ALTA (MODELO IPHAE)

Quadro 7 – Prefeitura Municipal de Cruz Alta

Governo do Estado do Rio Grande do Sul

Secretaria da Cultura

SISTEMA DE RASTREAMENTO CULTURAL



INSTITUTO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO DO ESTADO

M

BENS EDIFICADOS

INVENTÁRIO

Município: **CRUZ ALTA**

Ficha Nº: **RS/14: 00007**

Localidade: **CRUZ ALTA**

Denominação do bem: **Prefeitura Municipal de Cruz Alta**

Endereço/Localização: **Avenida General Osório, 533, Centro.**

Proprietário: **Município de Cruz Alta**

Uso Original e atual: **Institucional Poder Público.**

Latitude: **28°38'42.2"**

Longitude: **53°36'21.0"**

Erro Horizontal:

Proteção Existente: **Tombada pelo IPHAE**

Proteção Proposta: **Inventário**

Bens Móveis:

Valores estabelecidos ao bem:

Relevância Histórico-Cultural e Morfológico-Arquitetônica

Observações:

A edificação foi concebida para abrigar a Intendência do Município de Cruz Alta, sendo que a sua construção foi realizada durante os anos de 1911-1914 sob a administração do então Intendente Coronel Firmino de Paula Filho, sob a responsabilidade técnica do Eng. Rudolph Ahrons, tendo executores da obra, Germano Zenkner e Pedro Cecego. (SILVA, 2000)

O projeto arquitetônico da edificação é atribuído ao Arquiteto Theodor Wiedersphan, visto que apoiado em documentos da prefeitura municipal, Schettert (1993) informa que se encarregaram "da obra [...] Theodor Josef Wiedersphan, arquiteto e colaboradores".

O prédio foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico do Estado do Rio Grande do Sul através da Portaria 08/84 de 01.08.84, sob o processo nº 03.957-19.00-SEC/84, Incrito no livro de Tombo no nº 24 - Livro Tombo Histórico. (IPHAE, 2013)

A Prefeitura mantém um formalismo arquitetônico e uma representação simbólica dos fatos do passado, que a distingue na paisagem e lhe confere singularidade como obra do Patrimônio Histórico e Cultural de Cruz Alta.

Foto(s):



Fachada Prédio da Prefeitura Municipal



Fachada diagonal direita

Responsável:
Arquiteto Pedro Couto Moreira

Data:
Abril de 2014

Imagens complementares (entorno, edificações)



Segundo pavimento- lateral direita



Frontão triangular



Balcão ladeado por ordens duplas



Balcão com porta-janela



Entrada principal ladeada por ordens duplas



Frontão circular encimado por torreão de bronze



Escultura de Gárgula



Abertura tipo olho-de-boi



Verga circular da porta principal



Parte do telhado



Detalhe do capitel ornamentado

Fonte:

